

BRASIL-MÉXICO: APROXIMAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS

por Daniel Caetano

No seu célebre ensaio *O labirinto da solidão*, Octavio Paz destacou o sentimento de orfandade como uma característica fundamental da identidade mexicana, fazendo uma análise da herança colonial na sua cultura e detendo sua atenção em certas manifestações reveladoras, tais como a força do uso de máscaras. Em dado trecho, Paz observou que “o mexicano não é uma essência e sim uma história”.

México e Brasil são os dois maiores países da América Latina, e o estudo de aspectos em comum nessas histórias, tanto pelas suas semelhanças como pelas diferenças, pode permitir ricas análises sobre ambos os contextos. No entanto, como também acontece em relação à quase totalidade dos outros países vizinhos, pouco se discute sobre a história mexicana no Brasil. Especificamente em relação à produção de cinema, apesar da sua importância histórica e cultural, publicações sobre o tema são raríssimas.

O livro bilíngue *Brasil – México: Aproximações cinematográficas* (organizado por Maria Cavalcanti Tedesco e Tunico Amancio e publicado pela EdUFF, em parceria com a mexicana Universidad Autónoma Metropolitana) procura mudar esse panorama, apresentando 11 textos de pesquisadores sobre o contexto histórico e estético do cinema mexicano. Dois dos ensaios são especialmente interessantes por traçar paralelos entre filmes de lá e produções brasileiras. O primeiro deles é do próprio Amancio, que analisou duas paródias de um mesmo filme hollywoodiano, o *Sansão e Dalila* dirigido por Cecil B. DeMille em 1949, parodiado no Brasil em *Nem Sansão nem Dalila*, dirigido por Carlos Manga em 1954, e no México em *Lo que le pasó a Sansón*, dirigido por Gilberto Martínez Solares em 1955. Ambos os filmes contaram com comediantes populares (Oscarito e Tin Tan, respectivamente), favorecendo uma

comparação das tradições das duas cinematografias. No segundo texto, Hadija Chalupe da Silva observou as semelhanças e diferenças de dois *thrillers* de sucesso na última década nos dois países, *La zona* e *Tropa de elite*.

Além disso, o livro conta com análises históricas sobre o percurso da cinematografia mexicana, como o notável estudo de José Carlos Monteiro sobre o estabelecimento da imagem histórica da “idade de ouro” da indústria de filmes do México. Há também ensaios que enfocam trabalhos de alguns dos mais célebres cineastas que por lá trabalharam, tais como Juan Bustillo Oro, Luís Buñuel, Arturo Ripstein, Alejandro Jodorowsky, Carlos Reygadas, Guillermo del Toro e outros.

É evidente que este conjunto de textos não pretende delinear um panorama completo da cinematografia vizinha. São ensaios sobre assuntos específicos, produzidos num contexto acadêmico. Mas isso não é empecilho para que, com ele, possamos conhecer um pouco mais das especificidades do contexto cinematográfico mexicano. Desse modo, podemos desconfiar se a solidão apontada por Paz pode ser compreendida (não pela essência, mas pela história) e, assim, partilhada. ■

Brasil – México: Aproximações cinematográficas
Organização de Maria Cavalcanti Tedesco
e Tunico Amancio
207 páginas, EdUFF, 2011

